



BIBLIOTECA DRAMATICA POPULAR
N.º 17

ARTHUR ARRIEGAS

CRAVOS DE TODO O ANNO

Imitação á comedia em 1 acto

ROSAS DE TODO O ANNO

Do ilustre escritor JULIO DANTAS

*Representada com grande successo em diversos
teatros particulares*

*no de Lisboa
em 20-XII-1924*

2.ª EDIÇÃO

LIVRARIA POPULAR
DE
FRANCISCO FRANCO
(Casa fundada em 1890)
Travessa de S. Domingos
LISBOA

30 a 34

30 a 34



BIBLIOTECA DRAMATICA POPULAR
N.º 17

ARTHUR ARRIEGAS

CRAVOS DE TODO O ANNO

Imitação á comedia em 1 acto

ROSAS DE TODO O ANNO

Do ilustre escritor JULIO DANTAS

*Representada com grande successo em diversos
teatros particulares*



2.^a EDIÇÃO

LIVRARIA POPULAR
DE
FRANCISCO FRANCO
(Casa fundada em 1890)

30 a 34

Travessa de S. Domingos
LISBOA

30 a 34

PERSONAGENS

Frei Ignacio	Antonio Alcobia
Suzanno.	Ribeiro Lopes
Um irmão leigo	J. M.

Caro de um irmão amigo Tenente
 SÉCULO XVIII
de Brancalhão.

A cella de um convento de frades ricos. — Catre, archibanco, estante. — Na parede ao fundo um quadro com a imagem de uma santa. Sobre uma mesa uma jarra com cravos frescos, papeis, etc

Frei Ignacio, sentado á mesa toca berimbau. E' um frade de vinte annos, amarelleuto e magrisella: traz contas no braço e borracha á cinta... — Manhã de chuva. — Momentos depois um irmão leigo apparece á porta do fundo, curva-se e dá passagem a **Suzanno**, — um rapazote de quinze annos, muito adamado. de cabello á franceza, leve como uma bailarina de S. Carlos.

Suzanno (receioso á porta) — Frei Ignacio...

Ignacio (sem olhar para a porta fazendo uma careta) — Entre irmão.

Suzanno (entrando n'um passo miudinho) — Frei Ignacio...

Ignacio (olhando para traz, vendo Suzanno, levantando-se e correndo para elle, enquanto o irmão leigo, ao fundo, se curva, e desaparece) — Suzanno! Estás aqui!

Suzanno (abraçando-o) — Ignacio! Meu bom Ignacio!

Ignacio (apertando-lhe as mãos) — Ora o Suzanno! Ha quasi um anno! (recuando para o olhar) que não tinha o gosto de ver essa cara!... Estás um rapagão... Como vens catita!...

Suzanno (sorrindo) — Quinze annos... Já estou velhote!

Ignacio — Tens o buço mais crescido... (obrigando-o a sentar-se no banco a seu lado) Senta-te aqui. Então deram-te licença para vires visitar-me? Não te esperava! Quem te acompanhou? Vieste com quem?

Suzanno (brincando com as luvas) — Com a senhora minha mãe. Eu subi e ella aguarda-me na cadeirinha. Ella pensa em fallar-te ás grades poderá? (olhando Ignacio) Mas como tu estás mudado.

Ignacio — Estóu deveras zangado contigo. Então porque não me tens escripto? Desde novembro... Nem duas linhas! (triste-mente) Olvidaste o teu velho amigo!

Suzanno (atrapalhado) — Oh! nunca... Tu...

Ignacio (rindo e dando-lhe uma palmada no pescoço) — Não largues pêtas... Não sejas mentiroso... (com meiguice) Não te lembravas... (fazendo beicinho) Se eu mesmo já me não lembro de mim!

Suzanno (*ingenuamente*)—Nunca, nunca... Se pudesses saber! Que lamúria não fiz quando tu nos deixaste! Não me digas essas coisas, ingrato!

Ignacio (*sorrindo, com tristeza*)—Ah, eu é que sou...

Suzanno—Lembrava-me bastante... Todos os dias e até fóra de horas... A's vezes andava a rir, a rir e a brincar... Mas lembrava-me... O primo Ignacio! Quem sabe o que estará fazendo o primo Ignacio? Via-te na cella, com o teu habito fradesco, muito *reinadio*, ao lado d'um abade muito córado... E tinha saudades... Muitas saudades de ti... (*olhando em redor*) E' que eu sempre julguei isto muito mais feio! (*erguendo-se*) Afinal isto não é de todo mau!...

Ignacio—E' muito lindo! (*levando-o á janella*) Anda... vem ver o claustro.

Suzanno (*á janella*)—Ih! Mas que lindo jardim!

Ignacio—Ha cravos todo o anno.

Suzanno (*admirado*)—Todo o anno?

Ignacio—Ali, n'aquella estufa. Junto áquelle banco de pedra... E na horta... Sou eu o hortelão. Gosto muito de nabos, de couves... e tambem de flores.

Suzanno—Pois ha n'algum sitio cravos todo o anno?

Ignacio—Ora se ha! (*rindo*) E's um patetinha!

Suzanno—E' espantoso!... Não sabia que havia cravos todo o anno... (*outro tom, rapido*) Então és tu que tratas do jardim e da horta? Tu só? E's tu que plantas, que regas, que mexes na terra, que...

Ignacio—Sou eu. Eu sempre gostei de mexer... A's vezes ando por ali a pé descalço...

Suzanno—Evita isso. Olha que estragas os pés.

Ignacio—Pouco me importo, ou a?

Suzanno—Tu eras tão cuidadoso no calçado, receiavas ter os pés grandes... (*olhando para os pés*) E ainda os tens pequenos... (*comparando-os com os seus pés*) Os teus são mais compridos...

Ignacio—Eu tenho tudo assim...

Suzanno (*erguendo-lhe o habito*)—Ih!

Ignacio—O que é?

Suzanno—Agora reparo... Não usas ceroulas!...

Ignacio—Aqui não se usa d'isso. E' tudo á fresca...

Suzanno—Não sabia!... Desculpa... (*outro tom*) Tambem para que são precisas?... O habito é muito mais commodo! Fica-te a matar!... (*fazendo-lhe festas na cabeça*) Pobre Ignacio... Coitado!

Ignacio (*a quem Suzanno abraça a chorar*)—Não chores isso, menino... Não chores isso! (*enxugando-lhe as lagrimas com o habito*) Eu aqui sou um felizardo...

Suzanno—E ha quanto tempo estás aqui?

Ignacio—Ha nove mezes.

Suzanno—Exactamente o tempo que eu estive na escola da minha mãe... quando ella era professora. (*outro tom*). E já tens as armas de S. Francisco!... E amanhã serás abade!... E depois...